

A RESISTÊNCIA, DE JULIÁN FUKS: EXCELÊNCIA EM EXPERIMENTALISMO FORMAL?

JEFFERSON SILVA DO REGO*

Universidade Federal de Goiás (UFG), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, GO, Brasil.

Recebido em: 24 mar. 2025. Aceito em: 15 out. 2025.

Como citar este artigo: REGO, J. S. do. *A Resistência*, de Julián Fuks: excelência em experimentalismo formal? *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 25, n. 3, p. 195-206, set./dez. 2025. DOI: 10.5935/cadernosletras.v25n3p195-206

Resumo

Em decorrência das violências inerentes às ditaduras sul-americanas, surgiram vários testemunhos dos sobreviventes, como se vê em *A Resistência* (2015), de Julián Fuks. Na obra, narra-se a memória familiar, ficcionalizando os horrores vividos por aqueles(as) que enfrentaram tais ditaduras. Pautado pela tensão entre o real e o ficcional, os procedimentos estéticos desse romance desvelam a persistência do autoritarismo nas relações sociais, bem como as tensões entre memória, esquecimento e ocultamento do trauma. Logo, demonstraremos que os conceitos de metaficção e de autoficção constituem elementos estruturantes

* E-mail: entrecas@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-6715-0420>

dessa obra, pois são usados para reativar a memória do período ditatorial na Argentina e no Brasil.

Palavras-chave

Julián Fuks. Metaficção. Autoficção.

INTRODUÇÃO

No século XX, a América Latina passou por algumas ditaduras, caracterizadas pela violência aos opositores de cada regime. Tais violências são denunciadas na literatura contemporânea, trazendo à tona o tolhimento de direitos democráticos em contingências ditatoriais. É o caso de *A Resistência* (2015), de Julián Fuks, um romance permeado pelo cenário da ditadura militar da Argentina e do Brasil. Em nossa abordagem, focaremos a construção de sua estrutura narrativa, visto que se vale de experimentalismo formal, explorando as estratégias da metaficção e da autoficção.

Julián Fuks é filho de pais argentinos, mas nasceu em São Paulo, em 1981. Seus avôs, judeus europeus, deixaram o continente nos anos 1920, fugindo do antissemitismo que se intensificava com a ascensão da agenda nazista. Refugiaram-se na Argentina, onde mais tarde nasceria o pai de Fuks, já em um tempo em que tantos outros judeus eram enviados aos campos de extermínio. Julián formou-se em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (USP), onde também realizou o doutorado em Teoria Literária, defendendo a tese *História abstrata do romance* (2016).

Quanto à produção literária, Fuks estreou em 2004, com a coletânea de contos *Fragmentos de Alberto, Ulisses, Carolina e eu*. Em 2010, participou da antologia *Primos – Histórias da Herança Árabe e Judaica*, organizada pelas romancistas Adriana Armony e Tatiana Salem Levy. É autor também de *Histórias de literatura e cegueira* (2007) e *Procura do romance* (2011), ambos finalistas dos prêmios Jabuti e Portugal Telecom. Seu romance *A Resistência* (2015) foi traduzido para cinco idiomas e angaria: Prêmio Jabuti, nas categorias Livro do ano de ficção e Melhor romance (2016); Prêmio Literário José Saramago (2017); Prêmio Anna Seghers (2018); e Prêmio Jabuti, na categoria Livro brasileiro publicado no exterior (2019). Em seus escritos, Fuks problematiza os

limites entre a ficção e a realidade, isto é, ele incorpora fatos reais e biográficos, dando-lhes configuração literária. Dessa forma, a ficção de Fuks é centrada em sua história familiar, fazendo uso da voz em primeira pessoa, intimista, beirando o confessional.

Emir Rodríguez Monegal (1979 *apud* Ribeiro, 2012) frisa que o romance é o gênero em que a experimentação se faz mais presente. Assim, a partir de 1960, os romancistas tiveram “a tarefa de narrar com a máxima amplitude possível e sem respeitar nenhuma lei ou tradição visível, salvo aquela do experimento. Este experimento se traduziria, principalmente, na linguagem” (Monegal, 1979, p. 157). Desse modo, demonstrando maturidade, os romancistas latino-americanos desse período valeram-se de vários recursos para a recriação da linguagem narrativa. Ora, ao questionar sua estrutura, o romance pôs em questão sua linguagem e converteu isso em tema romanesco. Logo, o romance latino-americano alcançou:

[...] um verdadeiro delírio de invenção prosaica e poética ao mesmo tempo. É um tema subterrâneo do romance latino-americano mais recente: o tema da linguagem como lugar (espaço e tempo) onde ‘realmente’ acontece o romance. A linguagem como ‘realidade’ única e final do romance. O meio que é a mensagem (Monegal, 1979, p. 159).

Desse modo, Ribeiro (2012) frisa que o enredo em si já não é o centro do romance, mas como os acontecimentos são narrados, de sorte que “a tematização da linguagem e a preocupação do romance com seus próprios mecanismos apontam para o que se convencionou chamar de metaliteratura (denominação mais abrangente), metaficção ou metanarrativa” (Ribeiro, 2012, p. 174). Logo, metaliteratura é um conceito mais amplo, visto que pode se referir a qualquer gênero literário. Inerente a este, há o conceito de metaficção ou metanarrativa, ou seja, “uma narrativa ou ficção baseada na elaboração de narrativas ou ficções” (Ribeiro, 2012, p. 174).

Em *A Resistência* (2015), o narrador, chamado Sebastián, refaz os percursos de sua família, tanto materna quanto paterna. Logo, mediante sua condução, o romance interconecta sua subjetividade às esferas políticas correspondentes. A bem da verdade, Sebastián narra um passado de antes do seu nascimento, um passado que não conhece com exatidão. Assim, ele se apoia no que lhe foi contado, em cacos de informação: “Isto é história e, no entanto, quase tudo o que tenho ao meu dispor é a memória, noções fugazes de dias tão remotos,

impressões anteriores à consciência e à linguagem, resquícios indigentes que eu insisto em malversar em palavras” (Fuks, 2015, p. 23). Dessa forma, a obra apresenta um complexo jogo entre ficção e realidade. Aliás, a resistência, destacada inclusive pelo título do livro, presentifica-se desde os temas escolhidos até o próprio ato de escrever, uma vez que, segundo Alfredo Bosi (1996, p. 13), “a resistência se dá como processo inerente à escrita”.

Ao longo de *A Resistência*, há três pontos importantes. O primeiro, típico das metaficções, constitui-se na ficcionalização das vivências do autor-narrador, valendo-se de uma estratégia narrativa pautada pela metalinguagem e de comentários críticos sobre o fracasso diante da escrita:

Sei bem que nenhum livro jamais poderá contemplar ser humano nenhum, jamais constituirá em papel e tinta a sua existência feita de sangue e de carne. Mas o que digo aqui é algo mais grave, não é um formalismo literário: falei do temor de perder meu irmão e sinto que o perco em cada frase (Fuks, 2015, p. 23).

O segundo ponto, típico das autoficções, baseia-se na presença de rastros biográficos de Fuks no narrador Sebastián. Aqui, encontramos uma das possíveis razões da escrita da obra:

Enquanto me empenhava em decifrar tudo aquilo que eu não entendia e jamais seria capaz de entender, meu irmão soltou a frase que não pude esquecer, a frase que me trouxe até aqui: Sobre isso você devia escrever um dia, sobre ser adotado, alguém precisa escrever (Fuks, 2015, p. 124).

O terceiro, por sua vez, expressa o ponto de vista do autor-narrador no que diz respeito aos problemas políticos ligados à ditadura militar argentina, que têm reflexos diretos em sua família:

Nas páginas desse discurso conheci algo mais: a atrocidade de um regime que mata e que, além de matar, aniquila os que cercam suas vítimas imediatas, em círculos infinitos de outras vítimas ignoradas, lutos obstruídos, histórias não contadas – a atrocidade de um regime que mata também a morte dos assassinados (Fuks, 2015, p. 78).

Sobre os “reflexos” desse período ditatorial, Hellen Gandin e Silvia Niederauer (2017, p. 10) dizem que a adoção do irmão argentino constitui um modo de resistência, haja vista que: “Ter um filho há de ser, sempre, um ato de

resistência. Talvez a afirmação da continuidade da vida fosse apenas mais um imperativo ético a ser seguido, mais um modo de se opor à brutalidade do mundo” (Fuks, 2015, p. 42). Assim, conforme as autoras (2017, p. 11), a narrativa em questão aborda uma história pessoal, repleta de sentimentos particulares do autor-narrador; porém, a obra também dá voz a várias outras famílias que passaram por situações parecidas, visto que os períodos de cerceamento da liberdade, como os vividos pelos argentinos e brasileiros, deixaram marcas indeléveis nas pessoas. Desse modo, mesmo que a intenção de *A Resistência* não tenha sido denunciar as ditaduras, o autor-narrador se referiu a elas de forma crítica, visto que as marcas estão nele, em seus pais e em seu irmão adotivo. Vejamos, adiante, como as estratégias da metaficção e da autoficção foram trabalhadas por Fuks nessa obra.

A metaficção em *A Resistência*

Carlos Ceia [s. d.] define o verbete “metaficção” como uma “designação pela qual se tornou conhecido um conjunto de escritores norte-americanos do pós-II Guerra Mundial (John Hawkes, Vladimir Nabokov, Donald Barthelme, entre outros) que, apesar de possuírem estilos distintos, convergiam tanto numa dimensão experimental quanto na busca por uma narrativa fundada na elaboração de ficções. Assim, a metaficção surge numa tentativa de superar o peso das tradições regionalistas da literatura norte-americana, tendo como objetivo imediato a subversão dos elementos narrativos canônicos e adotando como estratégia a elaboração de um jogo intelectual com a linguagem e com a memória literária.

Ribeiro (2012) traz que, quando se discute metaficção, certos termos são recorrentes, como autorreflexão, metalinguagem e autoconsciência. Linda Hutcheon explora essa questão de modo mais aprofundado, afirmando que a metaficção é a “ficção sobre ficção – isto é, ficção que inclui em si mesma um comentário sobre a própria narrativa e/ou a identidade linguística” (Hutcheon, 1984, p. 1).

De acordo com Ribeiro (2012), outro aspecto da metaficção que convém destacar diz respeito à tenuidade das fronteiras entre os gêneros literários e, também, não literários. Aspecto, inclusive, ressaltado por Hutcheon (1984, p. 15): “com a metaficção, portanto, a distinção entre textos literários e críticos começa

a enfraquecer. [...] A própria literatura sofreu alterações e isso não pode ser negado se alguém observa o romance moderno”.

Diante do exposto, entendemos que *A Resistência* consiste em uma meta-ficção devido aos seguintes aspectos: a) trata-se de uma narrativa que faz experimentações com a forma romance, bem como com a linguagem da narrativa; b) é uma ficção fundada na elaboração de outras, visto que tal obra ficcionaliza as vivências de Fuks/Sebastián, valendo-se de uma estratégia narrativa pautada pelo uso da metalinguagem e comentários críticos sobre o fracasso diante da escrita, como neste trecho:

Não sei bem o que escrevo. Vacilo entre um apego incompreensível à realidade – ou aos esparsos despojos de mundo que costumamos chamar de realidade – e uma inexorável disposição fabular, um truque alternativo, a vontade de forjar sentidos que a vida se recusa a dar. Nem com esse duplo artifício alcanço o que pensava desejar (Fuks, 2015, p. 95).

A autoficção em *A Resistência*

Na literatura contemporânea, a autoficção vem ganhando espaço e se caracteriza pelo ato de escrever sobre si, agregando, porém, traços ficcionais. Tanto o é que, nesse gênero, o trinômio autor-narrador-personagem se confundem, pois

a autoficção se forma através da hibridização entre as características presentes nos textos autobiográficos, em que o autor escreve a sua própria vida, e características do romance, em que a ficcionalização do enredo é o ponto máximo (Gandin; Niederauer, 2017, p. 1).

Para Gandin e Niederauer (2017, p. 2), o termo autoficção foi criado por Serge Doubrovsky (1977), consistindo em um gênero contemporâneo em que o autor ficcionaliza as suas vivências reais, promovendo uma narrativa híbrida de realidade e ficção. Assim, ao expor acontecimentos da vida do autor, este passa à categoria de personagem. Dessa forma, consoante a Gandin e Niederauer (2017, p. 5), a autoficção se permite perambular entre a fantasia e o que é real, cabendo aos seus leitores a tarefa de interpretar as informações expostas nas narrativas de modo ciente, sabendo que se trata de ficção, sem compromisso com o factual.

Conforme Anna Faedrich (2015), a popularização do termo autoficção tem produzido uma confusão conceitual sobre tal neologismo. Isso porque o conceito de autoficção tem sido marcado por contradições que acabaram impossibilitando sua definição de forma mais nítida: “um dos efeitos dessa confusão conceitual tem sido um misto de vulgarização e uso inadequado do termo, que passou a caracterizar toda sorte de obras pertencentes ao campo das “escritas do eu” (Faedrich, 2015, p. 56).

Ora, apoiada na noção de pacto, a autora defende que a autoficção se diferencia da autobiografia e do romance autobiográfico, visto que, na autoficção, estabelece-se com o leitor um pacto oximórico (Jacomard, 1993), “que se caracteriza por ser contraditório, pois rompe com o princípio de veracidade (pacto autobiográfico), sem aderir integralmente ao princípio de invenção (pacto romanesco/ficcional)” (Faedrich, 2015, p. 56). Faedrich (2015) também aponta que, com a “morte do autor” barthesiana no contexto dos anos 1960, em que o autor perdia o poder sobre o texto publicado, e o texto e o leitor ganhavam autonomia, foi preciso iniciar um estudo sério sobre essa prática autobiográfica, tão típica da cultura francesa e tão desprestigiada no campo literário.

Nesse sentido, houve uma importante contribuição de Lejeune (1975), quando propôs a noção de “pacto autobiográfico”, uma concepção de contrato de leitura entre o autor e o leitor, o que seria inadmissível no ideário vigente de autonomia do texto. Esse contrato de leitura consiste nos princípios de veracidade e de identidade entre Autor, Narrador e Personagem-protagonista ($A = N = P$). Assim, o leitor interpreta o texto autobiográfico como a “verdade do indivíduo”, diferenciando-o do romance. Neste, o compromisso com a realidade é impreciso (*flo*u), diferente da autobiografia, na qual o pacto de veracidade traz consequências legais para quem a escreve; afinal, o pressuposto do leitor é que o conteúdo traduz a verdade, comprometendo o autor.

Para Faedrich (2015, p. 46), tal comprometimento é inconcebível no campo romanesco, em que o princípio de invenção e de não identidade caracterizam o gênero. Mas, na autoficção, estabelece-se com o leitor um pacto que se caracteriza por ser contraditório, pois rompe com o princípio de veracidade, sem aderir integralmente ao princípio de invenção. Os dois princípios são mesclados, resultando no contrato de leitura marcado pela ambiguidade. “Por conseguinte, a noção de pacto é fundamental para esclarecer o conceito de autoficção, uma vez que é preciso diferenciar práticas distintas dentro do campo da “escrita do eu” (Faedrich, 2015, p. 46).

Manuel Alberca (2007) lembra que há um salto qualificativo do romance autobiográfico à autoficção; ou seja, da dissimulação e do ocultamento do romance autobiográfico passa-se à simulação e à aparência de transparência da autoficção.

Consoante a Faedrich (2015), Sébastien Hubier (2003, p. 125-126) traz uma contribuição significativa quando comenta que a autoficção é “anfibilógica”, ou seja, pode ser lida como romance e como autobiografia, deixando “[...] ao leitor a iniciativa e a ocasião de decidir por ele mesmo o grau de veracidade do texto que ele atravessa”. Dessa maneira, na autoficção, cabe ao leitor definir os limites entre a ficção e a realidade.

Ratificamos que pensar na relevância do conceito de autoficção para classificar um tipo de produção literária cada vez mais popular implica, inexoravelmente, demarcar sua especificidade em relação às demais escritas do eu, apontando condições necessárias e suficientes para delimitá-lo. Conforme Faedrich (2015, p. 49), afirmar que autoficção é o exercício literário em que o autor se transforma em personagem do seu romance, misturando realidade e ficção, é apenas um passo, uma condição necessária, mas não suficiente – haja vista que misturar realidade e ficção não é um traço estrito à autoficção, e se encontra em romances históricos e romances autobiográficos, por exemplo. A diferença essencial está em como isso é feito. Na autoficção, é necessária a intenção de abolir os limites entre o real e a ficção, confundindo o leitor e provocando uma recepção minimamente contraditória da obra. Desse modo,

a ambiguidade criada textualmente na cabeça do leitor é uma característica fundamental da autoficção. Há um jogo de ambiguidade referencial (é ou não é o autor?) e de fatos (é ou não é verdade? aconteceu mesmo ou foi inventado?) estabelecido intencionalmente pelo autor (Faedrich, 2015, p. 49).

Aliás, Anna Faedrich (2015, p. 53) aponta que o risco de associação da autoficção com a autobiografia se dá porque a autoficção ainda não está totalmente estabelecida. Assim, faz-se urgente considerar que o rebuscamento no trato com o texto e com a linguagem é um dos critérios necessários do gênero autoficção:

Ou seja, os autores têm uma preocupação estética e linguística, procuram uma forma original de se (auto)expressar. Por esse motivo, não é raro nos depararmos com a inscrição da palavra romance na capa de um livro autoficcional, que

funciona como estratégia de afastamento do gênero autobiográfico e de inserção no campo literário (Faedrich, 2015, p. 53).

Dessa forma, mesmo que se discorde em caracterizar a autoficção como recurso terapêutico, reconhece-se o “desnudamento” e a reconstrução do autor, mediada pela escrita. Tal característica fica muito evidente em *A Resistência* quando pensamos na biografia de seu autor, Julián Fuks. A autoficção tem a ver com

desnudar-se para se enxergar e se entender melhor. Escrever para aliviar. Fabular um sofrimento para elaborá-lo. Colocar na realidade das palavras uma experiência traumática para compartilhar o sofrimento e reestruturar o caos interno (Faedrich, 2015, p. 55).

Logo, a escrita terapêutica é um recurso frequente das autoficções, mesmo que não seja uma condição necessária para sua existência. Nesse sentido, na autoficção, é comum o autor explorar as profundezas inconscientes de sua intimidade, no intuito de elucidar coisas ainda obscuras.

Ainda para Faedrich (2015, p. 57), na autoficção, “a ambiguidade criada textualmente na cabeça do leitor é potencializada pelo recurso frequente à identidade onomástica entre autor, narrador e protagonista, embora existam variações e nuances na forma como este pacto se estabelece”. Assim, diferentemente da autobiografia, a autoficção tem um rebuscamento no trato com o texto e com a linguagem, com dimensões próprias do fazer literário, tais como as preocupações estéticas e linguísticas, além da busca por uma forma original de se (auto)expressar.

Por fim, Faedrich (2015, p. 57) acrescenta que a autoficção continua a se contaminar com o usual preconceito e rebaixamento literário conferido à autobiografia. As estratégias editoriais de qualificar as autoficções como romances, na tentativa de apartá-las da autobiografia, indicam a aproximação que ainda se faz entre ambas. Essa associação é indevida e tende a se diluir na medida em que se reconheçam os atributos da obra autoficcional. Com isso, Faedrich (2015, p. 57) sugere ser possível – e desejável – que o conceito de autoficção seja precisado, sem desconsiderar que a fluidez da produção literária contemporânea apresenta dificuldades à formulação de um conceito estanque.

Como dito, é típico das autoficções a ficcionalização das vivências reais do autor. Em *A Resistência*, percebemos rastros biográficos de Fuks no narrador

Sebastián: este, no decorrer da narrativa, mostra-se consciente da fabulação que faz de si mesmo, criando uma atmosfera ambígua, porque fruto de elementos ficcionais e autobiográficos. Dessa forma, na obra, os pais de Sebastián (com o bebê adotado, então com 6 meses de vida) deixam Buenos Aires, atravessando de carro a fronteira com o Uruguai, onde pegam o avião para São Paulo, no Brasil. Sobre essa situação, o protagonista declara: “Partir e esquecer a derrota, partir e esquivar o descalabro, e preservar o que lhes restava, fosse muito ou fosse pouco, a existência diária que a cada dia lhes roubavam” (Fuks, 2015, p. 82).

Enfim, percebemos que a história de *A Resistência* se entrelaça com dois fatos importantes: de um lado, a adoção de uma criança (a qual fora sequestrada pela ditadura argentina e que pôde recomeçar graças à adoção pelos pais de Sebastián); de outro, a resistência da família diante desse regime, pois migrou para outro país em busca de paz e recomeço. Confirmando um dos aspectos necessários para a configuração de uma autoficção, Fuks declara na voz de Sebastián: “estou escrevendo um livro [...] sobre essa criança, meu irmão, sobre dores e vivências de infância, mas também sobre perseguição e resistência, sobre terror, tortura e desaparecimentos” (Fuks, 2015, p. 57-58).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, fica evidente o caráter metaficcional de *A Resistência* (2015), de Julián Fuks, posto que, ao figurativizar os processos de escrita e leitura em personagens, revela seus próprios mecanismos de produção. Além disso, fica claro que a obra consiste em uma autoficção, haja vista que traços biográficos do autor se embaralham, de um modo peculiar, com traços característicos do narrador.

Desse modo, *A Resistência* consiste em uma narrativa em que impera o experimentalismo formal, pois explora com desenvoltura as estratégias narrativas concernentes aos conceitos de metaficção e de autoficção. Por conseguinte, concluímos que esse romance de Fuks, por mostrar uma qualidade estética inquestionável e por abordar um tema urgente no Brasil contemporâneo (a natureza e as nefastas consequências do autoritarismo inerente às ditaduras militares) precisa ser lido pelo público em geral, merecendo, inclusive, ser objeto de estudo no âmbito do ensino básico.

Resistance, by Julián Fuks: excellence in formal experimentalism?

Abstract

There are several testimonies related to the violence of South American dictatorships. In a tension between the real and the fictional, *Resistance*, by Julián Fuks, reveals marks of authoritarianism in socio-political relations. Thus, this article will demonstrate that the concepts of metafiction and autofiction are structuring elements of Fuks' novel, because they are used to reactivate the memory of Argentina and Brazil's dictatorial period.

Keywords

Julián Fuks. Metafiction. Autofiction.

REFERÊNCIAS

- ALBERCA, M. *El pacto ambiguo*: de la novela autobiográfica a la autoficción. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.
- ARMONY, A.; LEVY, T. S. (org.). *Primos – Histórias da Herança Árabe e Judaica*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- BOSI, A. Narrativa e resistência. *Itinerários*, Araraquara, n. 10, p. 11-27, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2577>. Acesso em: 7 jan. 2025.
- CEIA, C. Metaficção (verbetes). *E-Dicionário de Termos Literários*. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/metaficcao>. Acesso em: 7 jan. 2025.
- DOUBROVSKY, S. *Fils*: roman. Paris: Éditions Galilée, 1977.
- FAEDRICH, A. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. *Itinerários*, Araraquara, n. 40, p. 45-60, 2015.
- FUKS, J. *A Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- FUKS, J. *Fragmentos de Alberto, Ulisses, Carolina e eu*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.
- FUKS, J. *Histórias de literatura e cegueira*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- FUKS, J. *Procura do romance*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GANDIN, H.; NIEDERAUER, S. H. P. *A Resistência*, de Julián Fuks: uma leitura da autoficção. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM LEITURA, LITERATURA E LINGUAGENS: NOVAS TOPOGRAFIAS TEXTUAIS, 1., 2017, Passo Fundo. *Anais [...]*. Passo Fundo: UPF, 2017.

HUBIER, S. *Littératures intimes: les expressions du moi*, de l'autobiographie à l'autofiction. Paris: Armand Colin, 2003.

HUTCHEON, L. *Narcissistic narrative: the metafictional paradox*. New York: Methuen, 1984.

JACCOMARD, H. *Lecteur et lecture dans l'autobiographie française contemporaine: Violette Leduc, Françoise d'Eaubonne, Serge Doubrovsky, Marguerite Yourcenar*. Genève: Droz, 1993.

LEJEUNE, P. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

MONEGAL, E. R. Tradição e renovação. In: MORENO, C. F. (org.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 131-159.

RIBEIRO, R. R. O caso Morel: um caso metaficcional. *Signótica*, Goiânia, v. 24, n. 1, p. 173-189, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/17923>. Acesso em: 7 jan. 2025.